

Espíritos, esses oniscientes...

Um comportamento comum e ainda observável em nosso país de arraigadas tradições culturais, neófito nas conseqüências da tardia industrialização que levou o homem do campo para as cidades, é o de dotar-se um recém-falecido das qualidades que jamais possuiu em vida – não raro um execrável exemplar de Espírito encarnado em nosso meio ganha louros não merecidos após deixar o mundo físico; o facínora do lar se torna bom marido, a mãe colérica e neurótica passa a matrona de qualidades admiráveis, a criança que aprendera os primeiros passos torna-se o anjo, passível de intervir junto ao próprio Criador no sentido de facultar bênçãos de toda sorte àqueles que permanecem no imensurável mar de lágrimas da vida encarnada.

Nem a vida encarnada é um mar de lágrimas, tampouco um bebê ou criança falecidos são, por sua condição de infantes, necessariamente Espíritos dotados de superiores qualidades. A intervenção na vida humana, tão comum aos santos e cara àqueles que lhes devotam culto, é explicável pela proposta espírita e nada possui de extraordinário. Contudo, ainda que explicável, Espíritos não devem ser cultuados, por mais que teóricos de toda espécie enxerguem no Espiritismo uma retomada da tradição histórica do culto aos ancestrais, presente ainda em muitas culturas e religiões espargidas pelo globo. O Espiritismo não cultua ancestrais, nem incentiva em seus meandros doutrinários tal comportamento – antes, explica que os Espíritos desencarnados, a quem adjetiva como erráticos por não terem local de destino próprio, são seres que guardam intactas sua personalidade e conteúdo de caráter.

O esboço não se torna homem de bem ao perpassar as fronteiras de outra dimensão de existência, tanto quanto o homem de reconhecidas qualidades morais não se pode vir a degenerar em seus princípios. O que pode vir causar enganos é a falta de dados mais bem embasados para se julgar este ou aquele indivíduo – o homem público, via de regra, não é o mesmo que responde a sua família e amigos; exemplos neste tocante não faltam nas esferas da prática espírita em nossa nação: expositores, palestrantes, médiuns e divulgadores que hipocritamente pregam um ideal de paternidade e relação conjugal que estão mui distantes de compreender e praticar. Acaso não compreendam são como autômatos que tomam as idéias de outros como suas; acaso não pratiquem é porque não foram capazes de compreender a profundidade dos fundamentos do Espiritismo.

Um dito chinês versa para que o homem que deseja limpar o mundo comece por varrer sua própria casa – coisa pouca adianta pregar o Espiritismo para além dos limites do lar se aí não se é capaz de praticá-lo. E por que exemplos de homens e mulheres que assim agem, espíritas ou não, é que se lhes emprestam qualidades que de fato não possuíram quando encarnados. São passíveis, como todos os seres, de progredir e praticar tudo quanto disseram apenas da boca para fora; mas, ora, não se pode, a estes ou a qualquer indivíduo, cultuar como seres especiais que de fato não foram, e não são. E o mesmo se pode aplicar àqueles que somam qualidades, que os tornaria sob a ótica de certas crenças em verdadeiros santos, mestres ou iluminados.

O mito que enclausura o homem sob uma armadura de fantasia fez suas vítimas junto àqueles que crêem praticar o Espiritismo – e se há homens de razão cujo respeito se faz presente ao explanar acerca de Bezerra de Menezes, Chico Xavier e que tais, há os que lhes devotam sincero culto, idolatria e irracional devoção. O senso comum instila um comportamento freqüente, que se traduz pela equivocada noção de se emprestar aos Espíritos, tenham eles nomes para identificar ou não, um conhecimento das cousas que alcança a onisciência, este um atributo alegado como de exclusiva posse divina. De “mesas mediúnicas” de procedências duvidosas surgem revelações que nada revelam, ou que se denunciam seu caráter de engodo pelos absurdos que trazem. Neste pormenor que de menor nada possui, Allan Kardec não se negou a alertar em um sem número de passagens das Obras Básicas o zelo especial que médiuns e experimentadores devem ter ao lidar com os Espíritos e suas mensagens.

Em *O Livro dos Médiuns*, item 133 obtemos o seguinte:

“Se compreendermos bem a Escala Espírita (Veja em O Livro dos Espíritos, questão nº 100), sobre a variedade infinita que existe de Espíritos no que se refere à inteligência e à moralidade, entenderemos facilmente a diferença que existe em suas comunicações; elas refletem a elevação ou a inferioridade de suas idéias, seu saber ou sua ignorância, seus vícios ou suas virtudes; numa palavra, elas não devem ser tão diferentes quanto as dos homens, desde o selvagem até o sábio mais esclarecido.”

Ainda, no capítulo 31 da mesma obra:

“Há, freqüentemente, comunicações de tal forma absurdas, embora assinadas por nomes respeitáveis, que o mais simples bom senso lhes demonstra a falsidade. Mas há aquelas em que o erro, em meio a coisas aproveitáveis, ilude, impedindo algumas vezes, de se percebê-lo à primeira análise, mas que não resistem a um exame sério.”

Em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo 21, obtemos interessante enxerto:

“O Espiritismo vem revelar uma outra categoria bem mais perigosa de falsos cristos e de falsos profetas, que se encontram não entre os homens, mas entre os desencarnados: é a dos Espíritos embusteiros, hipócritas, orgulhosos e falsos sábios, que, da Terra, passaram para a erraticidade, e se disfarçam com nomes veneráveis para procurar, disfarçados pela máscara com que se cobrem, tornar suas idéias aceitáveis, freqüentemente as mais extravagantes e absurdas.”

A edição da *Revista Espírita* de novembro de 1859, encontramos artigo intitulado *Deve-se Publicar Tudo Quanto Dizem os Espíritos?* donde a lucidez de Allan Kardec nos lega os trechos que seguem:

“Portanto, os há de todos os graus de saber e de ignorância, de moralidade e de imoralidade; eis o que não é necessário perder de vista Não esqueçamos que, entre os Espíritos, como na Terra, há seres levianos, estouvados e zombeteiros; pseudo-sábios, vãos e orgulhosos de um saber incompleto; hipócritas, maus; e o que nos pareceria inexplicável, se não conhecêssemos, de alguma sorte, a fisiologia desse mundo, é que há sensuais, vis, crápulas, que se arrastam na lama. Ao lado disso, sempre como na Terra, tendes seres bons, humanos, benevolentes, esclarecidos, sublimes de virtudes;”

“Desde que esses seres têm um meio patente de se comunicarem com os homens, de exprimirem seus pensamentos por sinais inteligíveis, suas comunicações devem ser o reflexo de seus sentimentos, de suas qualidades ou de seus vícios; elas serão levianas, triviais, grosseiras, obscenas mesmo, sábias, prudentes ou sublimes, segundo seu caráter e sua elevação. Eles mesmos se revelam pela sua linguagem; daí a necessidade de não aceitar cegamente tudo o que vem do mundo oculto, e de submetê-lo a um controle severo.”

“As comunicações grosseiras e inconvenientes, ou simplesmente falsas, absurdas e ridículas, não podem emanar senão de Espíritos inferiores: o simples bom senso o indica. Esses Espíritos fazem o que fazem os homens que se vêem escutados com complacência se ligam àqueles que admiram suas tolices e, freqüentemente, deles se apoderam e os dominam ao ponto de fasciná-los e subjugá-los. A importância que se dá às suas comunicações, pela publicidade, os atrai, os anima e os encoraja. O único, o verdadeiro meio de afastá-los, é provar-lhes que não se é sua vítima, rejeitando implacavelmente, como apócrifo e suspeito, tudo o que não é racional, tudo o que desmente a superioridade que se atribui o Espírito que se manifesta, e o nome com o qual se veste: então, quando ele vê que perde o seu tempo, retira-se.”

Verifica-se, portanto, que todo cuidado se faz necessário ao lidar com seres que, considerado o fato de não mais possuírem corpo físico, correspondem a todo espectro de indivíduos que se podem encarnar em nosso mundo, desde o mais ignorante até o mais sábios – ou seja, sua personalidade, gostos, costumes e hábitos, conteúdo de caráter, forças e fraquezas psicológicas perpetuam-se. Todavia, a idéia que se faz mui comumente acerca da sabedoria demonstrada pelos Espíritos é de tal conta arraigada que pode insuflar sua influência mesmo sobre as cabeças mais alertas. E dentre aqueles que fazem platéia para tais ordens de Espíritos, as conseqüências são sérias. Médiuns que recebem mensagens de Jesus, do Espírito de Verdade, dos apóstolos e profetas bíblicos ainda pululam por aí, qual se a revelação espírita não tivesse cessado de ocorrer, qual se o trabalho da Codificação não se houvesse encerrado, e incompleto fosse.

Ainda, o que não perdemos de vista para escrever tais linhas foi constatar a existência de correntes invulgares de práticas mediúnicas, erroneamente consideradas espíritas, que renovam os antigos propósitos da mediunidade, tornando os médiuns atuais em seguidores diretos das ancestrais pitonisas e dos profetas; a mediunidade ao tempo destes se pretendia apenas orientar os indivíduos nas miudezas de suas vidas diárias. Os oráculos respondiam se a colheita seria proveitosa, se os filhos deste casar-se-iam com os daquele, acaso este ou aquele moribundo resistiria mais um dia, enfim, toda sorte de frugalidades que obscureciam os propósitos mais nobres que se podem extrair da faculdade mediúnica. Em nosso tempo, este “espiritismo de oráculo” – parafraseando um palestrante nosso conhecido – ganha força e move os propósitos de centros espíritas pelo país.

Reverter a profundidade com o fim de questionar a valia de tais práticas frente ao Espiritismo exige o espaço necessário à defesa de uma tese acadêmica – não se pede tanto para concluirmos que o bom senso conclama que venhamos a agir cautelosamente para com os estranhos que porventura nos abordem pelas calçadas da vida com uma conversa dissimulada acerca de bilhetes de loteria premiados e que tais que denunciam o golpe; apenas aos ambiciosos cala no pensamento tais propostas descabidas de riquezas que surgem repentinamente – ambiciosos e ignorantes. Em nossos tempos ainda ouvimos dos infelizes que pensando serem lobos, foram devorados por estes e perderam somas consideráveis sob promessas de fortuna instantânea.

Assim como não podemos confiar em tais golpistas, nos perguntamos porque venderíamos com tamanha facilidade nossa confiança para Espíritos cuja procedência não sabemos, de propósitos que desconhecemos e que denunciam sua inferioridade pelas mensagens psicografadas ou psicofonadas que nos legam diuturnamente? Não são poucos os indivíduos que se impressionam, ainda, pelo fenômeno mediúnico, e mesmo pelo valor intelectual inerente que encerra um livro, e que faz pensar que é preciso alguma superioridade digna de nota para compô-los. O hábito da leitura nos denuncia o equívoco desta conclusão – é necessário não confundir a beleza estilística dos textos com o conteúdo que encerram. Os Espíritos, concluímos com Kardec, cercam-nos e influenciam-nos todo tempo; são tão superiores ou inferiores quanto os tipos que topamos em nossa vida de relação, ou aqueles que passaram a História, e nos dão parâmetros comparativos para poder julgar com maior bom senso.

Atitudes belicosas, reacionárias, a acusação sem provas, a desconfiança sem motivos, é ação de desrespeito que pode ofender aos Espíritos, estejam encarnados ou em erraticidade – ocultos pelo véu do invisível, os Espíritos erráticos mantêm sua individualidade e pedem respeito semelhante àquele que desfrutaram enquanto encarnados. Assim, deve-se sempre proceder com cautela, sem ser radical, seja por zelo ou virulenta suspeita. A ponderação e segurança dos que possuem equilíbrio de idéias e ações, capaz de experimentar com os Espíritos sem se impressionar com isto, nem devotar culto a eles, tampouco maltratá-los é o que se recomenda. Os Espíritos não são oniscientes e, embora demonstrem talento para as letras e capacidade de compor obras literárias de singular beleza, tudo quanto afirmam não pode ser tomado como verdade senão na esfera pessoal, ou seja, suas revelações não passam de obras ficcionais, histórias urdidas com o claro fim de entreter, emocionar, e muitas vezes impressionar – ou seja, são a expressão de suas opiniões individuais.

Portanto, uma vez que não podemos esperar que um Espírito venha nos revelar o sexo do futuro rebento, acaso tal ou tal relacionamento que se inicia logrará sucesso, ou quando a sogra será colhida pelos braços da morte, não lhes cabe que confiemos mais que nos auto-aclamados profetas de nossos tempos, que nos alcançam pelas via radio-televisivas e, falando em nome de toda sorte de doutrinas e ideologias, prevêm fatos que não ocorrem, hecatombes que não acontecem, o juízo final que nunca chega. Ao estudioso médium, que do pensamento livre lança mão de ler tudo que lhe surge diante dos olhos, não faltam autores em erraticidade que, em nome do Espiritismo, já previram guerras que não ocorrem, em datas que já passaram.

Apenas o estudo sério, coerente e criterioso das Obras Básicas, e neste tocante *O Livro dos Médiuns*, podem nos ensinar a lidar com a mediunidade e com os Espíritos que nos cercam, nos ajudando a auxiliá-los e livrando-nos dos enganadores e mal-intencionados de primeira hora.